

A Evolução da Arte da Guerra e do Pensamento Militar entre as 1ª E 2ª Guerras Mundiais¹

Guaracy Albano Freire Leal*

Resumo de monografia elaborada, pelo autor, como exigência curricular para obtenção de diploma do Curso de Altos Estudos Militares, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

A arte da guerra vem evoluindo desde a época em que os homens se organizaram em grupos, e os interesses desses grupos se confrontaram em sentidos contraditórios, levando-os ao último recurso para atendê-los: a guerra. O pensamento militar também vem evoluindo, desde que surgiu a primeira organização grupal na qual

se pôde notar algum aspecto militar.

A guerra está intimamente ligada à política e à economia.² Será tratada como arte a partir do momento em que os homens que a conduzem a integrem com a sua criatividade; vinculando-a a determinados princípios e leis, passa a ser tratada como ciência.

O pensamento militar está representado pelo modo como os chefes vêem a guerra.

A maneira como os chefes militares encaram a preparação e a execução da guerra em determinados períodos, ou fases, está representada pela Estratégia Militar e Operacional, a qual é gerada pela Concepção das Operações e os Princípios de Guerra.

Abordados o significado de arte da guerra e do pensamento militar, passaremos a considerar a evolução desses dois aspectos no período entre as 1ª e 2ª Guerras Mundiais.

Para estudar a evolução de alguma idéia, teoria ou pensamento, é necessário haver um ponto-de-partida. Este será a 1ª Guerra Mundial, de onde, com base nos parâmetros da arte da guerra e do pensamento militar da época, será possível apreciar como eles evoluíram entre as duas guerras.

A ARTE DA GUERRA NA 1ª GUERRA MUNDIAL

Conflito de grandes proporções, a 1ª Guerra Mun-

* Tenente-coronel de Artilharia e Estado-Maior.

* Selecionado pelo PADECEME.

O Estado moderno, a força militar e a força econômica são necessárias, estando ambas sutilmente equilibradas - Montgomery, *História del Arte de la Guerra*.

O poderio militar tem por base o potencial econômico, verdade que muito frequentemente é esquecida - Liddel Hart, *Estratégia*.

dial teve, como palco, entre 1914 e 1918, o território europeu e, como principais envolvidos, de um lado, a Alemanha, a Áustria, a Hungria, a Turquia e a Bulgária e, do outro, a Inglaterra, a Sérvia, a Romênia, a França e a Rússia.

A vitória desses últimos trouxe contribuições notáveis à evolução da Arte da Guerra, com a incorporação dos fatos e conceitos considerados nos tópicos seguintes:

• *Preponderância dos Fatores Econômicos na Guerra* – O aumento dos efetivos, em comparação aos das guerras anteriores, fez com que as nações beligerantes passassem a ter que possuir avultados recursos econômicos. Ao mesmo tempo, a sofisticação e a grande quantidade de material bélico empregado nos conflitos passaram a exigir, dos confrontantes, a existência de modernos parques industriais.

• *Aparecimento do Carro de Combate* – Como consequência do desenvolvimento adequado do motor de combustão interna e do incremento do uso da arma automática nos campos-de-batalha, surgiu o carro de combate (CC), com a finali-

dade de levar o fogo a curta distância das posições inimigas e romper as posições de defesa, organizadas em largura e profundidade, com metralhadoras e obstáculos de arame farpado.

• *Concepção da Guerra de Movimento* – Os deslocamentos táticos, como complemento do planejamento estratégico, através de eixos ferroviários, possibilitariam a concentração e a reunião dos meios para uma batalha decisiva. Desse modo, a procura do local e do momento apropriados para o desenlace de um golpe fatal sobre o adversário passou a ser a tônica dos estrategistas, que buscavam, então, os grandes movimentos e a ofensiva.

• *Filosofia sobre o Uso da Ofensiva* – A filosofia dominante, no que tange à arte bélica, passou a ser a da ofensiva. Segundo o marechal francês Foch, *fazer a guerra significava sempre atacar*. A defensiva seria situação momentânea, apenas para poder ganhar forças e passar à ofensiva.

Anacronicamente, pelo fato do uso constante da ação direta, materializada em cerradas formações de Infantaria, apoiadas por Artilharia, avançando sobre

terras de ninguém, provocou perdas humanas elevadas. Como consequência direta, a estabilização das frentes tornou-se quase que permanente, determinando o imobilismo da grande massa dos exércitos no principal teatro-de-operações, o da Europa Ocidental. O terreno, os cursos de água e as fortificações tiveram então seu emprego valorizado.

• *Uso da Guerra Bacteriológica e Emprego em Massa dos Gases de Combate e do Lança-Chamas* – O desenvolvimento das técnicas laboratoriais e da indústria química propiciou o uso da guerra bacteriológica, dos gases de combate e do lança-chamas. Mais tarde, de comum acordo, os povos decidiram-se pela desativação do seu uso para fins de combate.

• *Utilização das Metralhadoras, das Granadas de Mão e das Redes de Arame Farpado* – As metralhadoras, surgidas na Guerra da Secessão Americana, foram usadas também na guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e tiveram largo emprego a difusão na 1ª Guerra Mundial. Dotadas de elevada cadência de tiro, passaram a ser o principal elemento no campo-de-batalha

(TO), e todas as técnicas de combate foram adaptadas e modificadas para aproveitá-las, ao máximo, a eficiência. As granadas de mão, surgidas no início do século, foram empregadas na guerra Russo-Japonesa (1904-1905); porém sua larga difusão ocorreu na 1ª Guerra Mundial. O arame farpado foi empregado como em nenhuma outra época da história. As frentes estabilizadas, com a consequente organização do terreno nas posições defensivas, levaram a que os obstáculos com ele construídos fossem usados em larga escala, com a finalidade de amortecer o avanço inimigo.

A EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA ENTRE AS 1ª E 2ª GUERRAS MUNDIAIS

Ao término da 1ª Guerra Mundial, alguns conceitos vieram consolidar-se e confirmar-se.

À totalidade da conflagração, somar-se-ia o aspecto do internacionalismo, em função da dependência mútua entre os países, proporcionando alianças políticas, face a interesses comuns.³

Ao TO, cresceu-se a dimensão aérea, não mais estática, como a dos balões de observação na guerra Hispano-Americana (1898). O uso do avião como arma de reconhecimento, caça e bombardeio passou a ser uma realidade.

Da filosofia da ofensiva, que não se verificou durante a 1ª Guerra Mundial, surgiram os blocos que adotaram filosofias conflitantes, da ofensiva e da defensiva.

Sob esse enfoque, têm destaque a Alemanha e a França, respectivamente, como representantes, em campos opostos, da adoção das filosofias acima citadas. A primeira, como força emergente após a quase aniquilação de seu poder eco-

nômico e militar, em função do Tratado de Versalhes. A segunda, por vitoriosa na 1ª Guerra Mundial, galgava à posição de maior potência militar do mundo.

A Concepção Defensivista Francesa

Foi visto anteriormente que, apesar da filosofia da ofensiva, as ações defensivas foram predominantes durante a 1ª Guerra Mundial.

No interregno das duas Grandes Guerras, a França adotou um espírito eminentemente defensivo.

Dessa atitude, muitos puseram-se a indagar que motivos teriam levado a França a adotá-lo? Como resposta, levantam-se vários motivos, dos quais se destacam:

- a idade avançada e o espírito conservador dos generais do alto-comando, a maioria heróis da 1ª Grande Guerra, tais como Foch, Pétain, Wigan e Gamelin, que se obstinavam em defender as táticas por eles utilizadas, tornando-os cegos e avessos a quaisquer novos materiais e novas formas de emprego;⁴

- a grande depressão mundial que atingiu a França na década de 1930, obrigando a direção do Exército

³ *Desde que se eclodisse, interessava o mundo inteiro mais ou menos intensamente, enquanto que, no âmbito nacional peculiar aos contendores, não se limitava mais ao embate entre forças militares propriamente ditas* – Magalhães, J. B., *Civilização, Guerras e Chefes Militares*.

⁴ *Não só o Comandante Supremo, mas todos os outros generais que ocupavam postos importantes estavam velhos. O Exército Francês estava sendo dirigido por um singular grupo de Matusaléns – comentou destacado jornalista (...). E elas tinham-se agarrado a seus postos depois de 1918, impedindo a promoção de oficiais mais jovens, mais vigorosos e com novas perspectivas.* – SCHINER, William L., *A Queda da França*, 1ª volume, página 204.

a tomar medidas restritivas de gastos com pessoal e material, acarretando a redução de efetivos e a diminuição da pesquisa e do desenvolvimento bélico;

- a crença generalizada, na França, de que a Europa estava cansada de guerras, que haviam massacrado sua mocidade e devastado grande parte de suas terras, fazendo difundir-se um espírito eminentemente pacifista no seio do povo, das autoridades e do Exército;⁵

- o fato de a Alemanha estar desarmada e a faixa da Renânia desmilitarizada produzia, nos franceses, um sentimento de segurança que fatalmente os conduziria a uma atitude defensiva;

- sentimento e atitude idênticos provocaria o fato de a França não mais possuir reivindicações territoriais, pois, após a 1ª Guerra Mundial, havia recuperado a re-

gião da Alsácia – Lorena.

A estratégia predominante, no mundo ocidental, era a direta, ou seja a oposição frontal, o confronto, o choque de forças.

A Concepção Eminentemente Ofensiva da Alemanha

Para que se possa entender a origem dessa concepção ofensiva, tem-se que retornar ao fim da 1ª Guerra Mundial, enfocando o Tratado de Versalhes. Este, que deveria ser um acordo de paz e que serviria para evitar a deflagração de novos conflitos, passou a constituir-se, na realidade, num instrumento de opressão sobre os países vencidos.

Vergado sob pesadas sanções, como perdas territoriais e da maioria de suas colônias, de indústrias e de fontes produtoras de matéria-prima, pagamento

de pesadas indenizações, além da vexaminosa imposição do desarmamento, o povo alemão só poderia nutrir sentimentos de vingança, que permitiriam aceitar o surgimento de um nacional-socialismo e a sujeição a um Adolf Hitler, com a idéia do *Reich de 1.000 anos*.⁶

A conseqüência lógica de todo esse mosaico seria o rearmamento e o ressurgimento do espírito belicoso e ofensivo, que caracterizariam a evolução da arte da guerra alemã entre as 1ª e 2ª Guerras Mundiais.

A necessidade da reconquista de territórios e de alargamento do espaço vital (teoria nazista do espaço vital) fatalmente conduziria os alemães à busca de uma guerra de movimento eminentemente ofensiva, à base de mobilidade, rapidez e surpresa. Com isso, passariam a explorar os princípios de guerra de massa, mobilidade, flexibilidade, surpresa, manobra e ofensiva, já há algum tempo ausentes dos campos-de-batalha.

Entre os alemães, a predominância da ação indireta era a constância de sua estratégia, fruto da experiência adquirida na Espanha e

⁵ Terminamos a guerra com 1.500.000 mortos – 4% de nossa população em 1914 (38 milhões), enquanto a Alemanha, que tinha sido derrotada em duas frentes, perdera 1.700.000 homens, ou seja, 3% de sua população total (57 milhões, em 1914). – SCHINER, William L., *A Queda da França*, página 24.

⁶ *Eu vos direi como será a futura ordem social: haverá uma classe de senhores, das mais diversas origens, recrutada no combate, e assim terá sua justificação histórica. Haverá uma multidão de partidários, classificados hierarquicamente, que formará as novas classes médias. E haverá as multidões anônimas, a coletividade dos servidores. E, por fim, a classe dos estrangeiros conquistados, a que chamaremos modernos escravos* – A. Hitler – ALAN WYKES – História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial – Vol. 2 – Líderes.

das técnicas de guerra utilizadas por Gengis-Cã.⁷

Os movimentos frontais seriam apenas um blefe, cabendo a ação principal aos movimentos desencadeados à retaguarda e nos flancos.

O PENSAMENTO MILITAR NA 1ª GUERRA MUNDIAL

No final do primeiro quartel do século XX, as forças combatentes, com grandes efetivos, amarravam seus deslocamentos pelas ferrovias, o que propiciava ao inimigo, através de seus reconhecimento, identificar a frente a ser atacada e atacar, então, o maior proveito das formas de combate defensivo, aperfeiçoando-se no combate de trincheiras.

Com a valorização das posições defensivas, avultaram de importância as técnicas de organização do terreno,

as construções de abrigo, o emprego de obstáculos de arame farpado e o fogo sobre o movimento.

Como consequência imediata, verificou-se o prolongamento exagerado dos combates.

Para evitar tal fato haveria, então, a necessidade de valorizar a ofensiva e aumentar a impulsão do ataque. Para isso, a velocidade de ataque deveria ser aumentada, para evitar que a reserva inimiga tivesse tempo de ser empregada, e as formações deveriam diluir-se, pois a concentração de tropas favorecia o emprego do fuzil-metralhador (FM), largamente usado na 1ª Guerra Mundial.

Para combater a idéia do adensamento das tropas, surgiram a mentalidade do emprego do grupo-de-combate (GC), da técnica de in-

filtração, criada pelo general alemão Lunderdorf, e do combinado fogo e movimento. O fuzil-metralhador passou a fazer parte do grupo de combate, na esquadra de tiro.

Para tornar mais veloz o ataque e assegurar a manutenção da impulsão, com a consequente ruptura das posições defensivas inimigas, fez uso do gás e dos carros de combate, esses últimos como arma de apoio e complementar à Infantaria. À combinação da velocidade, da manutenção da impulsão e da infiltração, juntou-se o princípio da surpresa.

Apesar das inovações, já ao final da 1ª Guerra Mundial, os resultados ainda não foram da magnitude que poderiam ser. Faltaram maior mobilidade das reservas, para aproveitar as penetrações, e melhor aporte logístico. Eles viriam no decorrer do tempo, no período entre os dois grandes conflitos mundiais.

119

⁷ Sua tática de guerra começava sempre com um duplo D: desmoralização e desorganização. E, acima de tudo, a guerra devia ser feita pela sugestão, por palavras, ao invés de projéteis.

Assim como no passado fora usado o bombardeio de Artilharia para esmagar as defesas inimigas antes do ataque da Infantaria, no futuro seria empregado um bombardeio moral. Todos os tipos de munição seriam utilizados e, especialmente, a propaganda revolucionária.

A finalidade da guerra era a capitulação do inimigo. Se a sua capacidade de resistência pudesse ser anulada, o morticínio tornava-se inútil, além de ser um modo desagradável e dispendioso de atingir o objetivo. A ação indireta de injetar germes no corpo do país adversário para contaminar a sua vontade apresentava melhores perspectivas de sucesso.

Essa era a teoria de guerra de Hitler, incluindo o emprego de armas psicológicas – LUDDEL HART, *Estratégia* (286).

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO MILITAR ENTRE AS 1ª E 2ª GUERRAS MUNDIAIS

Durante as duas décadas de intervalo entre os dois grandes conflitos globais,

vários países preocuparam-se com a evolução do pensamento militar. Muitos não passaram de ligeiros ensaios, enquanto outros destacaram-se dos demais.

A Inglaterra, França e os Estados Unidos (EUA), principais formadores da coligação vitoriosa, buscaram a compatibilização das despesas com as necessidades da administração e da defesa de suas terras e de suas colônias.

Os EUA voltaram-se para o Pacífico e a Inglaterra remeteu suas melhores unidades para a Índia e o Egito. À França sobrou o controle da Europa.

A Rússia encontrava-se às voltas com a consolidação de sua revolução, de 1917.

O Japão, como potência emergente na Ásia Oriental, viria mais tarde a optar pela solução bélica para seus problemas.

A Alemanha, derrotada, alimentava idéias revan-chistas, revendo conceitos doutrinários e táticos, na busca de mobilizar suas potencialidades e ressurgir como potência mundial.

Foi nesse período que se destacaram entre os demais, o pensamento alemão – o arrojado, e o francês – o cauteloso.

Novamente, passaremos a focar, com maior precisão, esses dois povos, o alemão e o francês, visto terem adotado inovações conflitantes. Estavam em confronto, mais uma vez, os dilemas da ofensiva e da defensiva.

Com maiores dificuldades econômicas do que seus países limítrofes, os franceses não investiram muito no desenvolvimento de técnicas ofensivas. Grande ênfase foi dada à defensiva, na convicção de que o ataque inimigo seria detido junto à rocha das posições de defesa.

O Uso do Carro de Combate

A arma blindada seria vista, por franceses e alemães, de modo diverso.

Para que se possa bem firmar o que o Exército Francês pensava a respeito do emprego do CC, basta que o estudioso se debruce sobre o manual gaulês *Instruções de Emprego de Tanques*, de 1930. Disponha ele o seguinte:

Os tanques são máquinas destinadas a acompanhar a Infantaria (...). Na batalha, as unidades de tanque constituem-se em parte integrante da Infantaria

(...). Os tanques são apenas meios suplementares postos temporariamente à disposição da Infantaria. Reforçam consideravelmente a ação desta, mas não a substituem. Sua ação, para ser eficiente, deve ser aproveitada pela Infantaria, no momento de impacto. Somente o avanço da Infantaria e a conquista por ela, dos objetivos são decisivos.

O alto-comando do Exército Francês arraigou-se a essa doutrina desprezando as idéias inovadoras de seus componentes.

Bem diverso era o pensamento militar alemão e sua doutrina ofensiva poderia ser assim sintetizada:

... transpor com o elemento de choque, no menor tempo e o menos vulnerável possível, a zona de fogo inimiga e buscar, no dispositivo adversário, os pontos fracos onde deveriam ser concentrados os esforços, fim de obter a ruptura.

Vê-se, assim, a importância que era dada, pelo alemão, à surpresa, à rapidez e à massa.

Para enfatizar a atitude ousada, intrépida e agressiva que dominava o pen-

mento militar alemão, toma-se, como exemplo, a atuação de suas forças blindadas conforme preconizado nos regulamentos da época:

A tática do exército alemão é uma adaptação ousada, à base de audácia e de rapidez, das concepções militares tradicionais e permanentes que lhe são próprias, aos progressos técnicos do armamento e do motor e às necessidades tiradas da experiência de guerra no que concerne aos efeitos do fogo.

O desenvolvimento sadio da arma blindada só será possível se lhe derem ar e luz. Nada se poderá esperar dela se ficar a serviço de suas irmãs, a infantaria e a cavalaria. Suas primas saberão velar por ela, invejosamente, para que continue fraca e pequena, só utilizável em seus proveitos.

Onde houver flanco na guerra, nenhum carro de combate deverá ser posto em linha em ataques frontais. O seu emprego deverá ser feito em massa, com rapidez e grande raio de ação na mesma direção ou noutra de ataque da infantaria.

Dessa mentalidade inovadora surgiram, à época,

revolucionárias técnicas de emprego da tecnologia que tinham às mãos, como o processo do "Schwerpunkt", que significa seguir a linha de menor resistência, obtendo a superioridade local no campo-de-batalha, o processo de "Aufrollen", que visava a obter a ruptura num ponto da frente e o envolvimento interior das alas inimigas nos flancos da ruptura, e o emprego do combinado CC - aviação, espinha dorsal da Blitzkrieg.

O Uso do Avião e da Artilharia Antiaérea

O que aconteceu com o modo de emprego do CC, também ocorreu com o do avião.

O conservadorismo e os dogmas dos generais e do alto comando francês fatalmente levariam a aviação à estagnação.

Assim, no período entre guerras, além de os aviões franceses permanecerem, em número e qualidade, inferiores aos alemães, o pensamento gaulês limitava-se a admitir o emprego da aviação como responsável pelos reconhecimentos aéreos, condução de tiro de artilharia, e bombardeio de campos de aviação e concentração de tropas inimi-

gas, à retaguarda das linhas de combate.

Não passava pelo pensamento francês, à época, que a aviação poderia tomar parte das batalhas, quando ocorridas no solo, ou numa batalha aérea (avião contra avião). Nem mesmo o emprego do conjunto blindado-avião era cogitado.

Coerente com suas idéias, os franceses deixaram de desenvolver uma artilharia adequada, que pudesse atuar contra o emprego mais arrojado da aviação e que fosse capaz de acompanhar a tropa nos campos-de-batalha.

Face a esses fatos, por diversas vezes suas tropas ficaram à mercê das fulminantes sortidas da LUFTWAFFE.

O Confronto entre os Pensamentos Defensivos e os Ofensivos

O alto comando do Exército francês, por razões culturais anteriormente enunciadas, sofreu grande influência da estratégia e das táticas empregadas na 1ª Guerra Mundial.

A partir dessas influências, estabeleceu a premissa de que, caso houvesse outra guerra, caberia às forças terrestres estabelecer uma li-

na defensiva ao longo da fronteira, evitando, a todo o custo, penetrações que, caso se concretizassem, seriam rechaçadas por contra-ataques desencadeados pela Infantaria, auxiliada por CC.⁸

Detendo o avanço do inimigo, teria o país condições de realizar a mobilização de suas reservas e, tão logo o adversário estivesse desgastado, de partir para a ofensiva, procurando sempre manter o "front" numa linha contínua.

Desse modo, os militares de altas patentes da França não encaravam a defensiva como uma situação temporária, onde se aguardava por momentos em que, sob melhores condições, passar-se-ia à ofensiva. Entendiam,

sob outras palavras, o que nos dias de hoje poder-se-ia dizer – "somente a defensiva conduz à vitória".

Houve uma inversão de papéis. As barreiras naturais e artificiais que deveriam, na defensiva, permitir a economia de meios para serem carregados para uma ação ofensiva, passaram a ter papel principal e único: deter o inimigo e esgotá-lo, possibilitando sua destruição. A defensiva, que deveria ser um meio, passou a ser fim.⁹

A Linha Maginot, gigantesca fortificação armada, apesar de considerada intransponível, possuía pontos fracos: cobria apenas parte da fronteira com a Alemanha, deixando a da Bélgica e da Suíça desguarnecidas, e não apresentava

aprofundamentos. Mesmo com essas vulnerabilidades e deficiências, inspirou, no povo francês, um sentimento de segurança e proteção que, mais tarde, como se viu, foi frustrado.

Foi dentro desse sonho de segurança e proteção total e do pensamento eminentemente defensivo que a França foi derrotada em apenas cinco semanas de 1940, pelo seu vizinho, a Alemanha.

Já quanto aos alemães, para atingirem seus objetivos táticos e estratégicos, só a ofensiva interessava.

Mesmo quando em operações defensivas, os alemães apresentavam ações ofensivas, seja contra-atacando para restabelecer uma posição submergida, seja empregando a defesa móvel em escalões mais elevados.

Quanto à ofensiva, raciocinavam de forma diferente em relação ao pensamento francês. Não usavam o CC como força de acompanhamento à Infantaria, nem elegiam um objetivo intermediário onde eram tomadas atitudes de defesa.

Suas ações ofensivas eram rápidas e profundas, buscando romper as linhas de defesa inimigas e cortar as vias de suprimento e co-

⁸ A obsessão do Alto Comando Francês pela defensiva e seu corolário, 'a frente contínua', parecia bastante lógica. Baseava-se na sólida experiência da guerra de 1914 e 1918, durante a qual os franceses, juntamente com seus aliados, haviam defendido com êxito o país e esgotado os invasores, que depois expulsaram.

A frente contínua fora mantida. Tinha sido rompida pelos alemães, mas as brechas foram sempre reparadas. Houvera grandes penetrações, mas afinal não foram desastrosas. WILLIAM SCHINER – *A Queda da França*, 1º volume, página 215.

⁹ Na verdade, a idéia da ofensiva não fora condenada, mas tínhamos de reconhecer que se formara um ideal remoto. É isso que encontramos na 'Instrução para Emprego Tático das Grandes Unidades' (IGT), redigida, em 1936, por uma comissão de onze generais, sob a presidência do General Georges. Representava, para o nosso Exército, a 'Lei e os Profetas'. Lia-se no artigo 108: 'A ofensiva é o modo de ação por excelência. Somente ela permite a obtenção de resultados decisivos'. Todavia a ressalva não tardaria.

A ofensiva exige superioridade inicial. Desde que não estivéssemos certos de possuí-las, e jamais estivermos, deveríamos permanecer na defensiva. GOUTARD, A., *A Guerra das Ocasões Perdida*, pág. 28.

municações, usando para isso uma força composta por carros de combate e Infantaria motorizada como acompanhamento.¹⁰

Com esses pensamentos, que são válidos até hoje, empregando os blindados apoiados convenientemente pela Artilharia, Infantaria e Aviação, as forças armadas alemãs surpreenderam o mundo com suas vitórias rápidas sobre a Polônia, Tchecoslováquia e França, e destronaram de vez a França da posição de mestre em assuntos bélicos, conquistada após a 1ª Guerra Mundial.

CONCLUSÃO

Tendo a 1ª Guerra Mundial como ponto de partida e, como final, a 2ª Guerra

Mundial, pode-se notar que a arte da guerra e o pensamento militar em muito evoluíram.

Ao ser introduzido o fuzil-metralhador nos campos-de-batalha, foi dado o comando inicial de um processo evolutivo de grande velocidade. Esse armamento, quando usado nos sistemas defensivos, tornava-os quase incontestáveis. Para opor-se a ele, surgiu a blindagem. Apondo-se a esta um motor e um armamento de grosso calibre, fez-se surgir o CC. Com ele se pôde levar o mais à frente possível a máxima potência de fogo com a devida proteção.

O aperfeiçoamento da técnica de tiro e da qualidade do material de Artilharia;

a evolução do material de Comunicações; e, o aumento da cadência de tiro, assim como do alcance do armamento em geral, permitiram que os combates pudessem ter maior mobilidade e amplitude.

Surgiram novas táticas para o emprego dos novos materiais. As estratégias não mais visavam ao aniquilamento físico do oponente e, sim, à destruição de sua capacidade ou vontade de lutar, cortando-lhe as ligações com a infra-estrutura que o apoiava. Mais uma vez, se enfatiza a necessidade do aumento da amplitude do combate, desta feita em profundidade.

Emergiu o confronto das filosofias da defensiva e ofensiva.

Princípios de Guerra, tais como o da surpresa, da mobilidade, da rapidez, da flexibilidade e da massa foram reerguidos, visto terem sido abandonados havia muito.

A flexibilidade e a mobilidade foram evidenciados com os combinados Infantaria-CC e Aviação-CC.

As técnicas e táticas usadas ao final do 2º quartel do século XX ainda estão válidas, foram copiadas e estão sendo aperfeiçoadas.

¹⁰ *Blitzkrieg, a Guerra-relâmpago, foi o nome dado pelos alemães à sua nova técnica de campanha. O nome, ao contrário do que se julga, não se deveria à rapidez das operações; a velocidade atingida, tanto na Polônia como na França, foi fator que surpreendeu aos próprios alemães. A tese central era a busca de brechas, com penetração profunda e ramificações de tais penetrações para estendê-las e buscar objetivos, como sucede o relâmpago.*

A teoria inicial deve-se ao então Ten. Cel. Fuller, teórico militar britânico, imaginada em 1917, e por ele chamada - técnica da água que se espalha e que busca brechas e trajetões de menor resistência. A teoria foi expandida e codificada pelo Cap. Liddel Hart, com a aplicação de fortes formações blindadas, como cunhas de penetração e apoio aéreo tático imediato e constante, substituindo a artilharia, tudo sem aguardar a consolidação dos ganhos, explorando ao máximo a surpresa e a penetração com rompimento de comunicações e linhas de abastecimento em profundidade.

Coube ao Gen. Guderian a criação das DB - Panzer alemãs, desde 1935, seguindo estes conceitos e aplicando os ensinamentos de Liddel Hart, desprezados como fanáticos pelos Altos Comandos britânico e francês. ALAN WYKES, História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial (1957).

Os povos e nações que souberem estudar o passado e aplicar o conhecimento já obtido por outros, em novas situações, de modo racional e lógico, ficarão senhores da situação face aos demais. Aqueles que, ao contrário, não o fizerem, ficarão a reboque e serão subjulgados.

BIBLIOGRAFIA

- ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS – “Pensamentos do Campo de Batalha”, Resende, RJ (AMAN), 1979.
- ECEME – 07II01 – “Evolução da Arte da Guerra e do Pensamento Militar” (Coletânea de notas suplementares), 1995.
- GOUTARD, Cel. A... – “A Guerra das Ocasões Perdidas”. Rio de Janeiro, Bibliex.
- GUDERIAN, Heins. – “Panzer Lider”, Rio de Janeiro, Bibliex, 1966.
- HART, Basil Henry Liddel. – “Estratégia, conceituação e emprego em 25 séculos”, Rio de Janeiro, Bibliex, 1966.
- HISTÓRIA DO SÉCULO 20. – Abril Cultural, 1914/1919, 1920/1938 e 1939/1945.
- MAGALHÃES, Cel. Ex. J. B.. – “Civilização, Guerra e Chefes Militares”, Rio de Janeiro, Bibliex, 1958.
- MOLD, Maj. Inf, Sérgio Kencis – Monografia sobre “A evolução da Arte da Guerra e do Pensamento Militar, no período entre as 1ª e 2ª Guerras Mundiais e seus reflexos nas Forças Terrestres brasileiras”, 1983.
- MONTGOMERY, Marechal-de-campo, Sir Bernard Law. – “História del Arte de la Guerra”, Madrid, España (Aguillar, S.A. de Ediciones), 1969.
- WILLIAMS, Schier – “A Queda da França”, Rio de Janeiro, Distribuidora Record.
- WYKES, Alan. Hitler – “História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial – Líderes”, Vol. 2, Rio de Janeiro, Editora Renes Ltda., 1974.